



## INTEGRAÇÃO ENTRE ETNOMATEMÁTICA E A INTERCULTURALIDADE CRÍTICA EM ESCOLAS DA REGIÃO AMAZÔNICA

Laís Queiroz Campos Lucas –UFAM- Especialista- proflaismat@gmail.com

Gerson Ribeiro Bacury – UFAM – Doutor- gersonbacury@ufam.edu.br

**Eixo 02- Educação, Ciência e Sustentabilidade Social: pesquisa, práticas e experiências pedagógicas envolvendo povos indígenas, quilombolas, do campo, das florestas e das águas.**

### Resumo

Este estudo de natureza bibliográfica analisa a relevância dos saberes matemáticos em comunidades amazônicas, destacando as contribuições da Etnomatemática, da Interculturalidade Crítica e das discussões sobre currículo e desenvolvimento humano na educação básica. Sobre isso, busca saber como a matemática escolar pode dialogar com os conhecimentos tradicionais presentes na região amazônica, valorizando a diversidade cultural e contribuindo para práticas pedagógicas contextualizadas? O objetivo geral, trata de discutir, a partir da literatura especializada, como os saberes matemáticos em comunidades amazônicas podem ser incorporados à Educação Básica, por meio de uma prática pedagógica intercultural, crítica e socialmente comprometida. O estudo parte de uma revisão da literatura e busca evidenciar a importância de uma Educação Matemática situada, crítica e inclusiva, capaz de articular o conhecimento científico e os saberes locais, ampliando o sentido da aprendizagem para os estudantes.

**Palavras-chave:** Educação Matemática; Etnomatemática; Interculturalidade Crítica; Amazônia; Currículo.

## Introdução

A Amazônia é um território marcado por diversidade cultural, social e ambiental. Em seu espaço convivem povos indígenas, populações urbanas, comunidades rurais, quilombolas e migrantes, compondo um mosaico plural de identidades e saberes. No entanto, essa riqueza cultural nem sempre encontra espaço nos currículos escolares, que muitas vezes reproduzem padrões homogêneos de ensino, distantes da realidade vivida pelos estudantes.

No campo da educação matemática, esse desafio se torna evidente pois o componente curricular é frequentemente apresentado como um saber universal e neutro, desconsiderando os contextos culturais em que os alunos estão inseridos. Essa lacuna entre escola e contexto social pode gerar um cenário de desinteresse, dificuldades de aprendizagem, baixo rendimento e até mesmo exclusão simbólica de estudantes que não se reconhecem no processo de ensino.

É nesse contexto que emergem as contribuições da Etnomatemática e da Interculturalidade Crítica. Enquanto a primeira propõe o reconhecimento de práticas matemáticas presentes nas culturas locais, a segunda defende uma educação comprometida com a justiça social e a superação de desigualdades. Assim sendo, este estudo busca saber como a matemática escolar pode dialogar com os conhecimentos tradicionais presentes na região amazônica, valorizando a diversidade cultural e contribuindo para práticas pedagógicas contextualizadas? Nesse sentido, o objetivo deste estudo é discutir, a partir da literatura especializada, como os saberes matemáticos em comunidades amazônicas podem ser incorporados à Educação Básica, por meio de uma prática pedagógica intercultural, crítica e socialmente comprometida. A investigação e valorização desses saberes, visa fornecer subsídios teóricos e metodológicos para repensar o ensino de matemática na Amazônia, fortalecendo a identidade cultural dos estudantes e promovendo o desenvolvimento humano.

Este estudo faz parte do projeto de pesquisa em andamento, aprovado na Chamada CNPq/MCTI/FNDCT nº 18/2021 – Universal/Faixa A – Grupos Emergentes. Adicionalmente, o estudo fundamenta-se nas reflexões críticas e nos debates sistemáticos conduzidos pelo Grupo de Estudos e Pesquisas de Práticas Investigativas em Educação Matemática (GEPIMat), contribuindo para a consolidação de uma abordagem interdisciplinar e contextualizada no campo da Educação Matemática. Também contamos com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM) e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Nível Superior (CAPES).

De acordo com o exposto, a seguir trataremos sobre as bases teóricas que alicerçam este estudo.

## **Etnomatemática nas Comunidades Amazônicas**

O conceito de Etnomatemática, desenvolvido por Ubiratan D'Ambrosio (2011), parte da compreensão de que a matemática não é um conhecimento único, universal e desvinculado da cultura, mas sim um conjunto de práticas e raciocínios produzidos em contextos específicos, tais como comunidades urbanas e rurais, grupos de trabalhadores, classes profissionais, crianças de uma certa faixa etária, sociedades indígenas, e tantos outros grupos que se identificam por objetivos e tradições comuns aos grupos.

Em comunidades amazônicas, é possível observar saberes matemáticos em atividades como a pesca, a agricultura, o artesanato e a navegação, que exigem cálculos, medições e organização espacial

Na cultura amazônica estão presentes saberes e fazeres permeados de ideias matemáticas, materializadas em produtos e processos resultantes de um conjunto de estratégias elaboradas, por exemplo, para solucionar situações-problema da vida em comunidade ribeirinha. (Machado; Souza; Costa, 2023, p. 2).

Ao reconhecer essas práticas como legítimas formas de conhecimento, a Etnomatemática contribui para aproximar a matemática escolar da realidade dos

estudantes, promovendo maior sentido ao processo de aprendizagem. Além disso, valoriza os saberes locais e rompe com a visão hierárquica que coloca o conhecimento científico acima dos saberes tradicionais. Prudêncio (2022) ressalta, que é de suma importância considerar que os processos educacionais possam desconstruir os padrões que inferiorizam, e que não valorizam os conhecimentos e as práticas oriundas de grupos sociais inferiorizados ao longo do processo de colonização.

Com isso, a Etnomatemática está alinhada com princípios da educação intercultural, pois promove o diálogo entre saberes e reconhece a legitimidade dos conhecimentos locais. No contexto amazônico, por exemplo, ela permite integrar as práticas matemáticas presentes na vida comunitária ao currículo escolar, valorizando o território, a cultura e a identidade dos estudantes.

Se tratando do campo de pesquisa representa um avanço no reconhecimento e valorização das mais variadas formas de saber/fazer matemática, permitindo uma simbiose crítica enquanto examina a relevância, aplicabilidade, a viabilidade destes conhecimentos e suas contribuições para o aprimoramento do ensino e aprendizagem matemática (Silva et al. 2016).

Diferentemente da matemática escolar convencional, muitas vezes baseada em padrões eurocêntricos e abstratos, a Etnomatemática considera práticas como a contagem em feiras, a simetria em bordados, o uso de proporções na pesca ou agricultura, entre outros exemplos do cotidiano. Assim, ela contribui para tornar o ensino de Matemática mais contextualizado, significativo e inclusivo, respeitando a diversidade cultural dos estudantes, conforme será tratado, a seguir.

## Interculturalidade Crítica e Cultura

A Interculturalidade Crítica, vai além de uma simples valorização da diversidade cultural. Trata-se de um projeto político-pedagógico que busca questionar as estruturas de poder que marginalizam determinadas culturas e promover relações de diálogo horizontal entre saberes. Ela propõe, a construção de práticas pedagógicas

que reconheçam e dialoguem com esses saberes, desconstruindo preconceitos e promovendo uma educação mais inclusiva, equitativa e transformadora.

Candau (2008) nos diz que a interculturalidade, a mais adequada para a construção de sociedades democráticas e inclusivas, que articulem políticas de igualdade com políticas de identidade. Na educação amazônica, a interculturalidade crítica é um caminho para reconhecer os saberes indígenas, quilombolas, caboclos e ribeirinhos, superando a lógica de silenciamento e exclusão historicamente imposta às populações locais.

Já Barros (2021), nos diz que a educação intercultural se fará na promoção do reconhecimento da diversidade cultural presente em cada sala de aula, escola, comunidade, mundo e na formação crítica sobre as individualidades e coletividades de cada um.

A educação intercultural como um processo que valoriza a diversidade cultural em todos os níveis da sala de aula ao contexto global, reconhece que cada estudante, escola e comunidade carrega singularidades culturais que devem ser respeitadas e integradas ao processo educativo. A educação não deve ser homogênea ou excludente, mas sim um espaço de diálogo que acolhe diferentes saberes, práticas e visões de mundo.

Essa perspectiva focaliza a interculturalidade como um dos componentes centrais dos processos de transformação das sociedades latino-americanas, assumindo um caráter ético e político orientado à construção de democracias em que redistribuição e reconhecimento cultural sejam assumidos como imprescindíveis para a realização da justiça social (Candau; Russo, 2010, p. 164).

Na educação amazônica, a interculturalidade crítica tem papel fundamental, pois permite reconhecer as vozes de grupos historicamente silenciados e transformar a escola em um espaço de resistência e emancipação, pois,

uma cultura popular deve fornecer não só os elementos para transformar ou reinventar o poder, como também os elementos para reinventar a cultura, a linguagem, a literatura, a arte, para reinventar a

maneira de comer, de beber, para reinventar a vida. Porque, em última instância, criar uma nova sociedade é reinventar uma nova sociedade, e por isso mesmo reinventar-nos, recriar-nos a nós mesmos, porque, recriando-nos, individual e socialmente, vamos transformar a sociedade (Freire; Faundez, 1985, p.50).

Ao articular-se com a Etnomatemática, possibilita práticas pedagógicas que não apenas inserem elementos culturais no currículo, mas que também questionam os processos de exclusão e invisibilização.

Marcada por desigualdades no acesso à educação e por políticas históricas de invisibilização, é fundamental garantir que o ensino contribua para o empoderamento dos sujeitos e para a construção de projetos de vida conectados às realidades locais. Essa integração entre Etnomatemática e Interculturalidade Crítica pode oferecer caminhos para um currículo mais contextualizado, que promova a identidade cultural dos estudantes e dialogue com sua realidade, como será tratado nos parágrafos seguintes.

## Educação Matemática e Saberes Matemáticos na Amazônia

A Educação Matemática, enquanto área interdisciplinar, surgiu da demanda por entender a complexidade envolvida no ensino e na aprendizagem da matemática, ultrapassando a simples transferência de conteúdo. Nesse panorama, os saberes matemáticos destacam-se como um conceito fundamental, pois englobam não apenas os conhecimentos formais, estruturados e historicamente estabelecidos, mas também os saberes provenientes de práticas culturais e sociais.

Com isso, Pereira e Vasconcelos (2006) dizem que o ensino da Matemática deveria ter como objetivo preparar o aluno para resolver problemas da vida real e desenvolver seu raciocínio lógico-dedutivo, deixando de ser um agente passivo passando a ser um agente ativo no processo de ensino-aprendizagem.

Nessa perspectiva, a Educação Matemática amplia o papel da disciplina escolar, promovendo não apenas o desenvolvimento de competências lógico-

matemáticas, mas também a reflexão crítica sobre o uso da matemática no cotidiano e em diferentes áreas do conhecimento.

Autores como Bacury, Melo e Castro (2022) nos dizem que a Matemática e a Educação Matemática, passará a atuar nas escolas de seu povo como um multiplicador de conhecimentos escolares interconectados aos saberes e fazeres da cultura, fortalecendo e perpetuando os conhecimentos ancestrais para as gerações futuras por meio das palavras escritas.

Dessa forma, valorizar os saberes matemáticos implica que o ensino estabeleça um diálogo com os contextos específicos de cada comunidade, considerando as vivências dos alunos e suas maneiras de entender e aplicar a matemática. Esse enfoque contribui para uma prática pedagógica mais relevante, que fortalece a identidade cultural dos estudantes e estimula uma aprendizagem crítica e reflexiva.

Na Amazônia, a educação matemática enfrenta o desafio de dialogar com a pluralidade étnica e cultural, incluindo comunidades ribeirinhas, indígenas e quilombolas, cujos saberes matemáticos emergem de práticas cotidianas e estão intrinsecamente ligados aos contextos sociais, históricos e ambientais da região Oliveira (2012).

Ao considerar que a matemática está presente em práticas cotidianas, nas tradições culturais e no trabalho, a Educação Matemática amplia seu escopo de análise, deslocando-se de uma visão restrita à sala de aula para incorporar dimensões sociais e culturais do conhecimento. A Educação Matemática na Amazônia se insere em um contexto singular, onde saberes matemáticos se manifestam em práticas cotidianas ligadas ao tempo, ao espaço, à produção e à sobrevivência.

Sobre isso, Souza (2020), destaca, que medir distâncias fluviais, calcular o tempo das chuvas ou organizar colheitas exige raciocínios matemáticos próprios. Ao reconhecer esses saberes, a escola fortalece a autoestima dos estudantes e cria pontes entre o conhecimento acadêmico e as práticas locais.

Nesse sentido, a Educação Matemática na Amazônia não pode ser vista apenas como aplicação da BNCC ou de currículos universais, mas como um processo intercultural e crítico que ressignifica conteúdos, métodos e finalidades da escola. Assim sendo, a seguir serão abordados os caminhos que delinearam este estudo.

## Metodologia

Este estudo se insere no campo da pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e bibliográfico de acordo com Creswell (2007), é aquela em que o pesquisador coleta dados emergentes abertos com o objetivo principal de desenvolver temas a partir dos dados, tentando compreender determinado aspecto da pesquisa a partir do olhar dos envolvidos, considerando a realidade de campo em que a pesquisa é realizada. O estudo baseou-se na análise de referenciais teóricos que discutem os Saberes Matemático, Etnomatemática, Interculturalidade Crítica e Educação Matemática, além de documentos oficiais da educação básica brasileira, como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Severino (2007), nos diz que a pesquisa bibliográfica é aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos teses etc. Assim sendo, foram realizadas buscas, no período de 2010 a 2025, banco de periódico da CAPES, no google acadêmico, dentre outras formas de pesquisas, usando as palavras-chaves: nos saberes matemáticos, com ênfase em Etnomatemática e Interculturalidade.

A etapa de seleção e filtragem do material seguiu critérios previamente estabelecidos, a fim de assegurar a consistência e a relevância do corpus analisado. Foram incluídos: estudos alinhados à temática investigada; produções acadêmicas classificadas como dissertações de mestrado, teses de doutorado e artigos científicos.

Embora não se trate de uma pesquisa de campo, este estudo oferece bases conceituais que podem subsidiar investigações futuras em escolas amazônicas. Assim sendo, a seguir serão abordadas as discussões que delinearam este estudo.

## Discussão

A análise dos dados bibliográficos evidencia que a integração entre Etnomatemática e Interculturalidade Crítica nas escolas da região amazônica é uma prática educativa que valoriza os saberes tradicionais, indígenas e ribeirinhos, contribuindo para a formação de uma identidade cultural forte e resistente.

Documentos como BNCC e os Parâmetros Curriculares Nacionais, nos diz que apreciar e vivenciar as diversas manifestações artísticas e culturais, desde as locais até as globais, valorizando a pluralidade de saberes. A construção e o uso do conhecimento matemático não se restringem a matemáticos, cientistas ou engenheiros, mas são realizados, de maneiras distintas, por todos os grupos socioculturais que desenvolvem e aplicam habilidades para contar, localizar, medir, desenhar, representar, jogar e explicar, conforme suas necessidades e interesses.

O sistema educacional precisa repensar seus currículos como uma forma de romper com a configuração padronizada, engessada que os conhecimentos têm sido tratados ao longo dos anos privilegiando determinadas classes em detrimento de outras. Que os saberes científicos e tradicionais contribuem para a formação de uma dinâmica transcultural e transdisciplinar na construção de uma sociedade ética, política e culturalmente diversificada (Silvia et. al, 2016, p. 8).

A análise bibliográfica evidencia que há uma tensão entre a matemática escolar universalizada e os saberes locais amazônicos. A Etnomatemática e a Interculturalidade Crítica propõem superar essa dicotomia por meio do diálogo e da valorização da diversidade epistemológica.

Para D'Ambrósio (2011), conciliar a necessidade de ensinar a matemática dominante e ao mesmo tempo dar o reconhecimento para a Etnomatemática das suas tradições é o grande desafio da educação indígena.

A proposta pedagógica da etnomatemática é fazer da matemática algo vivo, lidando com situações reais no tempo [agora] e no espaço [aqui]. E, através da crítica, questionar o aqui e agora. Ao fazer isso, mergulhamos nas raízes culturais e praticamos dinâmica cultural. Estamos efetivamente reconhecendo na educação a importância das várias culturas e tradições na formação de uma nova civilização, transcultural e transdisciplinar (D'Ambrósio, 2011, p.46-47).

Portanto, a análise evidencia que a integração entre Etnomatemática e Interculturalidade Crítica nas escolas amazônicas representa uma estratégia importante para a construção de uma educação que identifique e valorize a diversidade cultural, promova o respeito às identidades indígenas e ribeirinhas e contribua para a formação de cidadãos críticos e conscientes de seus contextos culturais.

A perspectiva da etnomatemática e da interculturalidade apontam para o aprofundamento de processos de descolonização das dinâmicas escolares por meio da socialização, reconstrução e reivindicação dos conhecimentos produzidos a partir de diferentes lugares de enunciação. (Oliveira, 2019, p.58)

Destaca-se que através da educação é possível promover o respeito à diversidade e incentivar a compreensão das diferentes culturas e socializar e experiências como os conhecimentos e saberes de comunidades tradicionais, dentro destes aspectos que a educação matemática como um campo educativo se torna essencial. (Quaresma e Nazaré, 2024 p.8)

Entretanto, essa integração demanda transformações profundas tanto no currículo quanto na formação dos professores. Muitos educadores ainda não estão preparados para lidar com a diversidade cultural nas salas de aula, o que resulta na reprodução de práticas homogêneas e desvinculadas da realidade dos alunos. Por isso, é fundamental implementar programas formativos que valorizem os saberes locais e capacitem os docentes para uma atuação intercultural.

Atender às atuais demandas quanto à temática em foco, as propostas de formação docente terão que superar os desafios de educar na perspectiva intercultural a fim de que passem a educar para interculturalidade. (Nunes e Ramos, 2021)

A complexidade da educação intercultural é grande e coloca muitos desafios à escola contemporânea, também, grandes desafios ao professor e ao seu trabalho. (Silva e Rebolo, 2017)

Na Amazônia, esse desafio ganha contornos específicos: formar sujeitos capazes de compreender e valorizar sua cultura, ao mesmo tempo em que desenvolvem competências para enfrentar os desafios sociais, econômicos e ambientais da região.

## Conclusão

A integração entre a Etnomatemática e a Interculturalidade Crítica oferece uma oportunidade transformadora para repensar o ensino de Matemática na Educação Básica. Ao reconhecer que a matemática vai além de fórmulas e abstrações, estando profundamente vinculada ao cotidiano das comunidades amazônicas, a escola abre caminho para uma aprendizagem mais viva, significativa e alinhada com a realidade dos estudantes. Esse enfoque rompe com a visão restrita da disciplina, aproximando o conhecimento científico dos saberes tradicionais e tornando o ensino mais inclusivo e contextualizado.

No entanto, essa trajetória enfrenta desafios, como a rigidez dos currículos padronizados, as avaliações uniformes e a pressão por resultados quantitativos, que frequentemente limitam iniciativas inovadoras. Nesse contexto, a Interculturalidade Crítica surge como uma postura de resistência ética e compromisso com a transformação social, defendendo uma educação que ultrapasse a mera transmissão de conteúdo e promova a formação de sujeitos críticos, conscientes e participativos em sua realidade.

Por isso, é fundamental pensar uma Educação Matemática que seja científica e cultural, crítica e emancipadora. No contexto amazônico, esse desafio é ainda mais relevante: formar indivíduos que, ao assimilarem os saberes escolares, preservem e valorizem sua cultura, fortalecendo sua identidade e sua capacidade de enfrentar os desafios sociais, econômicos e ambientais da região.

Este estudo vai além da reflexão teórica e convida escolas, professores e comunidades a construir práticas pedagógicas que dialoguem efetivamente com os saberes locais. Ao legitimar os conhecimentos matemáticos das comunidades amazônicas, a escola enriquece o processo de ensino-aprendizagem, promovendo a emancipação e o protagonismo dos estudantes. É nesse movimento que a Etnomatemática e a Interculturalidade Crítica se afirmam como pilares para a construção de um currículo democrático, capaz de diminuir desigualdades históricas e abrir novos caminhos para a educação matemática na Amazônia.

## Referências

BACURY, G. R.; MELO, E.; CASTRO, R. Práticas investigativas em Educação Matemática na formação de professores indígenas. *Revista da FAEEBA - Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 31, n. 67, p. 20–36, 2022. DOI: 10.21879/faeeba2358-0194.2022.v31.n67.p20-36. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/faeeba/article/view/14011>. Acesso em: 18 maio 2025.

BARROS, Laura Juliana Neris Machado. *Relevância da literatura indígena na formação de uma memória coletiva intercultural no contexto educativo – anos iniciais do Ensino Fundamental em Roraima*. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Roraima, Boa Vista, 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CANDAU, V. Interculturalidade e educação. *Revista Brasileira de Educação*, v. 13, n. 37, p. 45-56, jan./abr. 2008. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/5szsvwMvGSVPkGnWc67BjtC/?format=pdf&lang=pt>.  
Acesso em: 1 set. 2025.

CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.* 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática:** elo entre as tradições e a modernidade. 4d. Belo Horizonte, MG: Autêntica. 2011.

FERRÃO CANDAU, Vera Maria; RUSSO, Kelly. Interculturalidade e educação na América Latina: uma construção plural, original e complexa. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 10, n. 29, p. 151-169, jan./abr. 2010. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=189114444009>. Acesso em: 1 set. 2025.

FREIRE, Paulo; FAUNDEZ, Antonio. *Por uma pedagogia da pergunta*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. (Coleção Educação e Comunicação, v. 15).

MACHADO, David Carvalho; SOUZA, Gabriel Willyan Pinheiro de; COSTA, Lucélida de Fátima Maia da. Etnomatemática e aprendizagem significativa: a propósito das confluências em artefatos culturais amazônicos. *Escola de Inverno de Educação Matemática*, [s. l.], 5 set. 2025. DOI: 10.13140/RG.2.2.33321.77929. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/377219789 ETNOMATEMATICA E APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA A PROPOSITO DAS CONFLUENCIAS EM ARTEFATOS CULTURAIS AMAZONICOS>. Acesso em: 1 set. 2025.

NUNES, Iran De Maria Leitão; RAMOS, Maria Natália Pereira. FORMAÇÃO DOCENTE E MULTI/ INTERCULTURALISMO: ALGUMAS REFLEXÕES. *Linguagens, Educação e Sociedade*, [S. l.], p. 180–197, 2021. DOI: 10.26694/les.v1i1.8241. Disponível em: <https://periodicos.ufpi.br/index.php/lingedusoc/article/view/1146>. Acesso em: 8 set. 2025.

OLIVEIRA, Maria Aparecida Mendes de. Aproximações da Etnomatemática e Interculturalidade nas produções acadêmicas com a temática indígena. *Hipátia*, v. 4, n. 1, p. 48-61, jun. 2019.

OLIVEIRA, José Sávia Bicho de. *Alfabetização matemática no contexto ribeirinho: um olhar sobre as classes multisseriadas da realidade amazônica*. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências e Matemática) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

PEREIRA, Ana Carolina Costa; VASCONCELOS, Cleiton Batista. Educação Matemática: concepções sobre o ensino e aprendizagem em Matemática. *REMETEC*, [s. l.], n. 1, ed. 1, jul. 2006.

QUARESMA, E. de Oliveira. NAZARÉ, Mailson Lima. Os saberes tradicionais e a Educação Matemática na Amazônia. Foco, Curitiba, v. 17, n. 3, e4679, 2024. DOI: 10.54751/revistafoco.v17n3-016. Disponível em: <https://doi.org/10.54751/revistafoco.v17n3-016>. Acesso em: [01/09/2025].

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, H. et al. Etnomatemática: a relação da matemática, da cultura e dos saberes. [S. I.: s. n.], 2013. Disponível em: <https://www.fasuleducacional.edu.br/tcc/7c6b3f580ff33cd259ae60f28faa315164cecfe561995.pdf>. Acesso em: 1 set. 2025.

SOUZA, Maria Clara. *Saberes matemáticos e práticas sociais na Amazônia*. Belém: UFPA, 2020.